



Metamorfose à brasileira: sobre 22 traduções da novela *Die Verwandlung*, de Franz Kafka

Helmut Paul Erich Galle

Universidade de São Paulo, São Paulo (SP), Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8563-6080>

E-mail: helmut_galle@hotmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta resultados provisórios de um projeto que compara 22 traduções da novela *A Metamorfose* (1915) de Franz Kafka (1883-1924) publicadas no Brasil. O objetivo é analisá-las em relação ao texto de partida, com vistas a uma futura leitura crítica das várias versões. A comparação se baseia em quatro exemplos de frases representativas dos três capítulos, cujas traduções também estão listadas em quatro apêndices.

PALAVRAS-CHAVE: Franz Kafka; *A metamorfose*; Crítica de tradução.

Metamorphosis in Brazilian style: On 22 translations of Franz Kafka's novella *Die Verwandlung*

ABSTRACT

This article presents provisional results of a research project that compares 22 translations of Franz Kafka's novella *The Metamorphosis* published in Brazil. The aim is to analyse them in relation to the source text, towards a future critical reading of all the different versions. The comparison is based on four representative example sentences from the three chapters, whose translations are additionally listed in four appendices.

KEYWORDS: Franz Kafka; *The metamorphosis*; Translation criticism.



1. Introdução

Die Verwandlung de Franz Kafka, escrita em menos de três semanas, em novembro e dezembro de 1912, e publicada pela primeira vez em 1915 na revista *Die weißen Blätter* (cf. Poppe, 2011, p. 164), é certamente um dos textos literários mais lidos do mundo.¹ O biógrafo de Kafka, Reiner Stach, considera

A metamorfose dispensa comentários de apoio, ela surte efeito e convence por si só, parece fechada em si mesma, perfeita. Mesmo que não soubéssemos absolutamente nada sobre o autor, sem dúvida, ainda faria parte do cânone da literatura mundial, e seu efeito imenso que transcende grandes barreiras culturais, comprova a autonomia desse texto que já tem há muito tempo sua própria história (Stach, 2022, p. 231).

Osman Durrani (2002, p. 214) afirma: “Há argumentos convincentes para considerar os escritos de Kafka como totalmente intraduzíveis. As teorias modernas enfatizam as inevitáveis ‘perdas de tradução’ inerentes a qualquer tradução.”² *Die Verwandlung*, de Kafka, certamente não é “completamente intraduzível”, apesar das inevitáveis “perdas”, que podem, no entanto, ser descritas.

Baseado na sua própria pesquisa, Patrick O’Neill (2014, p. 11) afirma que *Die Verwandlung* foi traduzida pelo menos 175 vezes em 42 idiomas diferentes. O *Index Translationum* (20/02/2023) indica 225 títulos. No entanto, esses números devem ser considerados como o mínimo absoluto, já que as traduções para o inglês (pelo menos 17, de acordo com a Wikipedia) e para o espanhol (34, segundo Susanne M. Cadera [2017]) superam os números do Index para esses idiomas. O *Index Translationum* também conhece apenas 9 das traduções publicadas no Brasil,³ embora uma pesquisa recente⁴ tenha identificado um total de 22 livros de tradutores diferentes, sem contar as suas reedições e revisões. *A metamorfose* – como o título alemão é traduzido quase sem exceção⁵ – seria, portanto, o texto literário de língua alemã mais retraduzido no Brasil.⁶

Existem vários estudos sobre as traduções de *Die Verwandlung* no Brasil. Celeste Ribeiro de Sousa, Eduardo Manoel de Brito e Maria Célia Ribeiro Santos (2005) trataram da recepção de três das primeiras traduções, junto com outras obras do autor. Celso Donizete Cruz publicou

¹ O manuscrito original encontra-se na Bodleian Library, com a sigla MS Kafka 18A). Cf. <<https://archives.bodleian.ox.ac.uk/repositories/2/resources/2778>>.

² As traduções são minhas, salvo indicação em contrário.

³ Vale mencionar que a entrada mais recente do *Index* é de 2007, ou seja: não há atualizações há muito tempo e nem todas as traduções anteriores a essa data foram incluídas. Isso nem seria uma falha do *Index*, mas um problema das editoras brasileiras que não enviam seus dados às instâncias cabíveis. Cf. Heidermann, 2007.

⁴ Os dados provêm do projeto de Iniciação à Pesquisa realizado sob coordenação do autor desde 2018 na USP: “Já foi traduzido? Um registro de literatura alemã em traduções brasileiras”.

⁵ Apenas a primeira tradução de Brenno Silveira, de 1956, apresenta uma mínima variante: *Metamorfose*, sem artigo.

⁶ Durante a fase final deste trabalho, “surgiram” mais três livros que não podiam ser considerados: uma tradução do inglês por Livia Bono na edição “bilingue” (inglês/português) da Pé da Letra, 2018; uma nova edição da Martin Claret de 2022 que reúne a tradução da novela por Marlene Holzhausen, com dois textos traduzidos por Torrieri Guimarães; a versão ilustrada (Ana Milani) da editora Pandorga, com tradução de Caio Pereira, 2023.

um texto sobre a recepção da novela (2008) e um livro (2005), sua dissertação de mestrado,⁷ que estuda sobretudo os paratextos das onze traduções que saíram até 2002. Uma comparação dos próprios textos de todas as traduções publicadas até hoje ainda não foi empreendida.

Tito Lívio Cruz Romão (2016) estudou a tradução do título e a palavra “*Ungeziefer*” em 31 traduções de *A Metamorfose*, entre elas, 10 em português, cinco delas publicadas no Brasil. Cruz Romão conclui que diferentemente de outras culturas, como a espanhola e a inglesa, as publicações no Brasil não se mostram muito inclinadas à experimentação: todos traduzem o título com “*metamorfose*”, embora “transformação” seja, a meu ver, mais adequado e, em relação a “*ungeheures Ungeziefer*”, tampouco há muita variação, sendo que “inseto monstruoso” (10) e “monstruoso inseto” (4) são as traduções mais comuns (ver Anexo 1). Para aproximar-se do significado de “*Ungeziefer*” que inclui o aspecto do parasita indesejado pelos seres humanos, algumas poucas tradutoras procuram soluções, como “insuportável inseto” (TT14), “monstruoso inseto repugnante” (TT19) e “enorme inseto nocivo” (T21); nenhuma solução, como *vermin* (inglês) ou *vermine* (francês), parece ao alcance do leitor brasileiro, uma vez que “verme” despertaria referências zoológicas desviadas. Raquel Abi-Sâmara (2021: p. 224) observou que até sua sugestão “monstruoso bicho repugnante” foi revisada pela editora “para o familiar ‘inseto’ que aparece nas traduções anteriores”.

Observando as 22 versões brasileiras da primeira frase (ver Anexo 1) d’*A metamorfose*, de fato, não é muito animador: será que existem tão poucas divergências? Seriam todas essas traduções, de certa maneira, equivalentes? O que é que se pode esperar, em particular, da leitura de cada uma? Evidentemente, muitos leitores nem cogitam que uma tradução possa diferir do original. Observando as avaliações dos compradores da loja virtual Amazon, pode-se constatar que milhares (!) estão altamente satisfeitos com sua versão adquirida, sem fazer qualquer reflexão sobre o fato de não se tratar do original de Franz Kafka. A plataforma Amazon e as redes sociais, os blogues sobre *best reads*, todos esses novos meios, mais democráticos, oferecem recursos para que se possa formar uma opinião e fazer escolhas individuais que são legítimas e eficientes. Eles abriram um discurso que era exclusivo da alta cultura para segmentos da sociedade que poucos anos antes, talvez, não comprassem livros e muito menos escrevessem sobre suas leituras. Agora encontra-se disponível online um e-book d’*A Metamorfose* por R\$ 1,71, cujo tradutor se chama André Piattino,⁸ cujo nome deve ser completamente irrelevante para a maioria dos compradores. O que lhes interessa é a “história”, não as sutilezas da forma linguística. Um “Cliente Kindle” afirma sob título “Um enceto ou um enfermo” (a ortografia original foi mantida):

O livro de certo mostra um lado que das pessoas que as vezes esquecemos que ele existe, Gregor aprisionado num quarto me lembrou alguém doente ou acidentado que por muitas vezes da traba-

⁷ A dissertação de mestrado de Celso Donizete Cruz, publicada como livro pelo autor em 2007, até hoje, é indispensável para entender a trajetória d’*A metamorfose*. Sua concentração na função dos paratextos (capas, prefácios, ilustrações etc.) é exemplar e uma condição prévia para que este trabalho se limite à análise dos próprios textos. O pesquisador promissor faleceu, ainda muito jovem, em 2013. O livro, de 2008, representa a pesquisa do seu mestrado.

⁸ Disponível em:

<https://www.amazon.com.br/Metamorfose-Franz-Kafka-ebook/dp/B097NSZ69N/ref=sr_1_13?keywords=kafka+metamorfose&qid=1677017479&prefix=kafka+metam%2Caps%2C218&sr=8-13>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2023.



lho a família e que alguns familiares chegam a desejar sua morte, o livro é triste e tem uma verdade oculta, chorei nesse livro e ele trás uma boa lição de vida, e de partir o coração a vontade dele de trabalhar e de ajudar, a forma que trabalhou duro pra sustentar e cuidar da família e a ingratidão que recebeu de seus familiares.

Sem dúvida, a pessoa aproveitou bastante da sua leitura e tampouco vamos questionar aqui, nesta pesquisa, o trabalho de André Piattino, porque não se trata de um livro impresso e, em algum momento, o *corpus* deve ser fechado.

Não se trata, então, de criticar traduções que possibilitem haver mais prosélitos de Kafka: elas são bem-vindas. Por outro lado, é legítimo perguntar até que ponto essas traduções realmente oferecem aos leitores o que eles acham que estão lendo, ou seja, a novela de Kafka. É claro que nenhuma tradução pode fazer isso de fato. Mas se eles se conscientizarem do fato de que estão lendo uma tradução, a maioria dos leitores provavelmente esperará que haja algum tipo de equivalência entre o original e o livro em suas mãos, mesmo que essa ideia pareça ingênua.

Nos estudos de tradução, o conceito de equivalência é controverso, como observam Theo Hermans e Werner Koller (2004, p. 27). Enquanto alguns autores ainda consideram o termo relativamente útil, outros tendem a abandoná-lo completamente (idem, p. 28). Koller (2004, p. 215) diferencia cinco quadros de referência aos quais a demanda por equivalência pode se referir, eles incluem: 1) o fato extralinguístico (equivalência denotativa); 2) o tipo de verbalização (equivalência conotativa); 3) normas de texto e linguagem (equivalência textual-normativa); 4) o destinatário (equivalência pragmática); 5) propriedades estéticas (equivalência formal-estética). Cada um desses enquadramentos pode ser considerado normativo ou descritivo em um texto literário como *A metamorfose*, mas a quinta categoria é, sem dúvida, a mais importante quando se trata de um público-alvo que está interessado em mais do que o puro enredo.

No caso de Kafka, não se trata tanto de dispositivos estilísticos clássicos, como metáforas e figuras. As hipérboles expressionistas e os extremos desvios do uso normativo da linguagem da vanguarda expressionista dificilmente são encontrados em sua obra (cf. Oschmann, 2011, p. 439). Como Adorno (1980a, p. 267) observou, em Kafka, o viajante não é metaforicamente chamado de percevejo, mas ele literalmente se transforma em um inseto, sem que isso cause uma explicação ou mesmo espanto no narrador ou no protagonista. Na sua *Teoria estética*, Adorno (1980b, p. 342) ainda afirma: “O estilo épico de Kafka é, em seu arcaísmo, a mímese da reificação.”

A especificidade da linguagem literária de Kafka é sua objetividade, a sobriedade da descrição de eventos externos e a exatidão dos detalhes. Os processos psicológicos não são descritos como tais, eles são apenas tangíveis nos gestos e nas expressões faciais dos personagens, que muitas vezes apresentam um traço grotesco. O próprio narrador desaparece imperceptivelmente logo na primeira frase e narra todos os acontecimentos a partir da perspectiva de Gregor Samsa, procedimento narrativo que só muda após a morte do protagonista. Os dispositivos narrativos dominantes são a *reprodução* dos pensamentos do protagonista e o discurso indireto livre.

Será que as versões brasileiras de *A metamorfose* encontraram soluções que podem ser reconhecidos como *equivalentes* às características literárias do texto de partida? As traduções podem ainda ter outras qualidades, como uma linguagem contemporânea e compreensível ou uma con-

centração no horror que, para muitos, parece ser um aspecto central do atrativo desse livro. Eles também podem tentar dotar o texto de qualidades estilísticas que o original não possui, usando palavras rebuscadas ou evitando as repetições de Kafka. As edições também podem investir em ilustrações refinadas que visualizam a transformação do protagonista, embora o autor tenha feito questão de evitar isso na ocasião da primeira edição: “O inseto em si não pode ser desenhado. Ele não pode nem mesmo ser mostrado à distância” (KAFKA, carta de 25 de outubro de 1915, citado em POPPE, 2011, p. 166). Tudo isso pode ser apreciado e desfrutado pelos leitores. Mas em que devem se apoiar esses leitores que não entendem alemão e buscam descobrir as qualidades literárias de Kafka em sua leitura brasileira? A maioria das avaliações na Amazon também não ajuda nesse sentido: “Produto de qualidade, boa diagramação, letras grandes, papel amarelo e texto integral.”

A resposta padrão que se oferece nos ambientes acadêmicos é que a tradução *consagrada* no Brasil é a de Modesto Carone, reeditada pela Companhia das Letras inúmeras vezes. Segundo Celso Donizete Cruz (2007, p. 75), ela é “para muitos [...] a definitiva”. No entanto, desde 1985, quando foi publicada pela primeira vez, ainda na editora Brasiliense, entraram ao menos mais 17 traduções no mercado. Antoine Berman (1990) formulou a hipótese de que as primeiras traduções tendem a ser mais “livres”, enquanto que as posteriores se aproximaram cada vez mais do texto de partida, e algo parecido já havia sido formulado por Goethe (2020, p. 405) nas suas reflexões sobre as três maneiras de traduzir contidas nas notas do *Divã Ocidente-Oriental*. Por outro lado, essa hipótese continua polêmica e é pouco provável que possa ser comprovada no caso concreto d’A *metamorfose* no Brasil. Será que as 22 traduções impressas permitem vislumbrar uma tendência geral? No que segue, a história das traduções brasileiras será reconstruída em traços gerais, analisando particularmente quatro trechos que permitem observar, até certo ponto, o modo como as traduções se comportam em relação ao original.

2. Um breve histórico crítico das traduções brasileiras da novela *Die Verwandlung*

2.1. Os pioneiros

No Brasil, *Die Verwandlung* apareceu pela primeira vez como livro em 1956 (TT1), traduzido por Brenno Silveira⁹, por intermédio de uma versão inglesa. A tradução da primeira frase faz pensar que seu modelo era a tradução de A. L. Lloyd (1937), por causa de vários indícios: igual a Lloyd, Silveira coloca o singular (um sonho agitado / *a troubled dream*) (TT1 1956, p. 1; O’Neill, 2013, p. 60) em vez do plural de Kafka (*aus unruhigen Träumen*). Também a formulação “*some monstrous kind of vermin*” ecoa claramente em “numa **espécie monstruosa** de inseto” (idem, minha ênfase). As outras duas versões inglesas, publicadas antes de 1956, usam formulações

⁹ A primeira edição de *Metamorfose* de 1956 apresentou o nome do tradutor como Breno, mas as posteriores colocaram Brenno Silveira.



mais próximas do original alemão e bem diferentes das de Silveira. Assim, pode-se supor que a “versão norte-americana” da qual fala Celso Cruz (2007, p. 193) é, de fato, a primeira tradução completa em inglês que saiu na Parton Press, Londres, em 1937 (cf. O’Neill, 2013, p. 204).

É interessante notar que as outras traduções que usam o singular, de acordo com O’Neill, são a francesa de Alexandre Vialatte, publicada na *Nouvelle Revue Française* em 1928 (cf. O’Neill, 2013, p. 214) e a espanhola, que saiu anonimamente, em duas partes, em 1925, na *Revista de Occidente*, em Madrid. Desde 1938, essa tradução circulou na Argentina e na Espanha como obra de Jorge Luis Borges. Só muitas décadas depois o poeta admitiu, numa entrevista com Fernando Sorrentino, que ele não teria resistido à estratégia da editora Losada de atribuir a tradução de todos os contos de Kafka, publicados naquele livro, a ele, inclusive aquela tradução anônima (cf. Cadera, 2017, p. 176). Apesar de sua trajetória meio duvidosa, é essa versão que se mantém até hoje como canônica no mundo hispanofalante, como afirma Susanne Cadera (2022). O italiano Adriano Sofri (2019, p. 40 ss.), que dedicou um livro inteiro aos caminhos aventureiros da tradução d’*A metamorfose*, levantou a sedutora hipótese de que Margarita Nelken, uma judia comunista, nascida em Madrid, com raízes alemãs e húngaras, poderia ser a tradutora anônima, no entanto, falta evidência documental.

É justamente essa tradução espanhola que serviu como texto de partida para a segunda tradução brasileira (TT2), que saiu em 1965 e é da autoria de Torrieri Guimarães, alegadamente por intermédio de uma tradução francesa, mas, como Celso Cruz (2007, p. 200 s.) e Denise Bottmann (2014) mostraram claramente, a base de Torrieri Guimarães era a mencionada versão espanhola. A dependência da sintaxe e do léxico do modelo espanhol saltam aos olhos.¹⁰ Um indício adicional são alguns trechos reveladores no início do segundo capítulo e no final da novela. Acontece que *Die Verwandlung* foi publicada inicialmente em revista (outubro de 1915), depois como livro por Kurt Wolff (dezembro de 1915), e uma segunda vez, como livro, em 1918. Nessa edição, houve algumas “correções” (leituras erradas do manuscrito) (ver Kafka 2002b, p. 191 | 219) que podem passar quase despercebidas, mas aparecem nas traduções. Em 1915, a terceira frase do 2º capítulo é:

Der Schein der elektrischen **Straßenlampen** [lâmpadas elétricas da rua] lag bleich hier und da auf der Zimmerdecke und auf den höheren Teilen der Möbel, aber unten bei Gregor war es finster. (minha ênfase)

Em 1918, lê-se:

Der Schein der elektrischen **Straßenbahn** lag bleich hier und da auf der Zimmerdecke und auf den höhern Teilen der Möbel, aber unten bei Gregor war es finster. (minha ênfase)

Tanto a tradução de Lloyd, o modelo de Silveira, quanto a de “Borges”, o modelo de Guimarães, apresentam o erro da edição de 1918 como se pode ver em suas respectivas traduções, a seguir:

¹⁰ O erro “sono”, em vez de “sonhos”, também pode ser explicado pelo modelo espanhol: “sueño”.

O reflexo das luzes dos **bondes** projetava-se vagamente, aqui e ali, no teto e na parte superior dos móveis, mas embaixo, onde Gregor se achava, estava escuro (KAFKA, 1956, p. 35; TT1; minha ênfase).

O reflexo do **bonde elétrico** punha franjas de luz no teto do quarto e na parte superior dos móveis, mas embaixo, onde estava Gregório, reinava a escuridão (KAKFA, 1965, p. 177; TT2; minha ênfase).

Vale mencionar que Silveira e Guimarães não permaneceram os únicos que se solidarizaram com a “Internacional dos tradutores do bonde” (*boutade* de Sofri; 2019, p. 11). Como se pode verificar no Anexo 2, também Marques Rebêlo, e ainda Marcus Penchel e Christina Wolfensberger, utilizaram a edição de 1918 ou uma tradução intermediária dependente dela. Comparando as passagens em questão, pode-se determinar, para cada uma das edições brasileiras, se ela se baseia no texto de 1915 ou de 1918 – ou numa mistura de ambos. Ao mesmo tempo, isto pode ser uma pista para detectar uma possível tradução secundária, por intermédio do espanhol, inglês ou francês, porque a situação nessas culturas é às vezes mais clara do que no Brasil.¹¹ Contudo, a tradução para o português também poderia ter sido feita diretamente do *original* alemão de 1918: no caso de Wolfensberger e Penchel, isto parece bastante plausível.

Além do bonde, a versão de 1918 apresentou outros erros que entraram nas traduções. Um dos mais chamativos aparece no último parágrafo da novela, no qual o casal Samsa percebe o amadurecimento da filha. Na edição de Silveira (KAFKA, 1956, p. 101), aparece a expressão *pintura*, que de forma alguma pode ser reconciliada com a “*Plage*” (“praga”, 1915), nem sequer com “*Pflege*” (“cuidado”, 1918) de Kafka.¹² É possível, porém, que tenha havido uma interpretação inglesa intermediária de “*Pflege*” por “*make up*”, que, neste caso, refere-se à maquiagem da irmã Grete e deve explicar sua pálida compleição. Na tradução francesa de Vialatte (Kafka, 1955, p. 89), acontece exatamente isso: “*Grete, malgré les crèmes de beauté que lui avaient fait les joues pâles*”. Guimarães colocou aqui “apesar de todos os cuidados” (TT2 p. 213), quase idêntico à versão de “Borges” (Kafka, 1965, p. 78): “*pese a todos los cuidados*”.

Um lapso curioso aconteceu na edição bilíngue de Celso Cruz (Kafka, 2020): enquanto a tradução é cuidadosamente feita a partir da *Verwandlung* de 1915, o texto alemão do lado é o de 1918, com “*Straßenbahn*” e “*Pflege*”.

A tradução de Torrieri Guimarães, é, provavelmente, uma das mais problemáticas e já foi criticada o suficiente. Em vez de três capítulos, apresenta unidades menores com títulos criados pelo autor. Mais gritante são provavelmente os acréscimos do tradutor, como a frase “Samsa transformara-se numa aranha disforme!”, que aparece no final do primeiro parágrafo da edição do Clube do livro (1976, p. 9) e que não tem nenhum respaldo no texto de Kafka. No entanto,

¹¹ Sobre as traduções significativas que podem ter sido modelos das versões brasileiras, ver O'Neill (2014, p. 59-79), Sofri (2018), Ariail (2018).

¹² Importante observar que essa variante de 1918 não é registrada nas variantes de Kafka 2002b; de fato, a página 200, onde o trecho se encontra, falta por completo no *Apparatband* (KAFKA, 2002b, p. 271). A variante, no entanto, aparece no texto de Gutenberg.org que registra a publicação de 1918 (aqui: 1917!), com algumas adaptações ortográficas no texto. Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/files/22367/22367-h/22367-h.htm>>. Acesso em 25 de março 2023.

a versão de Guimarães continua sendo publicada em forma revisada pelas editoras, junto com outros contos de Kafka.

Em 1971, apareceu uma adaptação (TT3) d'A *metamorfose* para leitores jovens, de Marques Rebêlo na Coleção Calouro, informando na folha de rosto que “Kafka é um autor que a juventude brasileira não pode desconhecer”. O tradutor toma muitas liberdades (entre elas, a extinção de capítulos e a introdução de seções arbitrárias), e a formulação “texto em português por Marques Rebêlo” levou Denise Bottmann (2014, p. 236) a supor de que se tratava de uma adaptação de tradução prévia. Isso é bem provável, uma vez que o texto apresenta escolhas lexicais de Silveira e Guimarães. Como não pode ser comprovado se o texto é de fato mera adaptação, ele permanece no *corpus*. O texto contém também acréscimos que dramatizam o original (ver TT3 nos anexos).

Nos anos 1970,¹³ apareceu a edição da Nova Época (TT4), por Syomara Cajado, com a indicação explícita “Título original: *The metamorphosis*” e a referência aos direitos autorais da Schocken Books de 1948, o ano da primeira publicação da tradução inglesa do casal Willa e Edwin Muir, autores literários e pioneiros da divulgação internacional de Kafka. A proximidade da tradução de Syomara Cajado à dos Muir fica evidente por causa de várias escolhas lexicais e a pontuação.¹⁴ Nota-se que a tradução, apesar de ser indireta, é tendencialmente mais próxima do original alemão, provavelmente porque a tradutora seguiu de perto a versão cuidadosa dos Muir.

A quinta tradução (TT5), de Modesto Carone, é a primeira direta do original alemão. Os motivos da *consagração*, com certeza, são vários: a tradução direta do alemão; o prestígio das editoras (Brasiliense e depois Companhia das Letras); o projeto da tradução das obras completas de Kafka; o tradutor formado em Letras e e que ensinou literatura brasileira na Universidade de Viena; e, principalmente, o próprio texto. De acordo com seu projeto de tradução, explicitado no posfácio, seu trabalho “procura acompanhar de perto a fidelidade possível não só da letra do texto, mas também à sintaxe pessoal do autor” (Kafka, 1985, p. 92). Cruz destaca que a versão de Carone

opta pela tradução estrangeirizante, deixando claro que o estranhamento que o leitor possa sentir diante do texto traduzido não se deve à imperícia de quem traduziu, mas é proposital e derivado da fidelidade da tradução ao original, forma de se alcançar, com a leitura da tradução, efeitos semelhantes alcançados na leitura do original (Cruz, 2007, p. 189).

As frases de Carone, de fato, se aproximam bastante da sintaxe de Kafka, muitas vezes abrindo mão de uma maior elegância do português brasileiro, como mostram a frase inicial da novela (Anexo 1, TT5) e a frase do início do segundo capítulo:

O brilho das lâmpadas elétricas da rua se refletia lívido, aqui e ali, sobre o teto e as partes mais altas dos móveis, mas embaixo, junto a Gregor, estava escuro (Kafka, 1986, p. 33; TT5).

¹³ Os exemplares não indicam o ano exato, mas Denise Bottmann (2014, p. 233, baseada no CEP no Impressum) infere perspicazmente que 1972 seja a data *post quem* das edições da Nova Época Editorial.

¹⁴ Muito chamativo é o ponto de exclamação (pouco motivado) no final do segundo parágrafo que não se encontra em outras traduções. A *boa de pele* (*Pelzboa*) aparece, como no inglês dos Muir (*fur stole*), como “estola de pele”. Cf. Kafka, 1971, p. 88, e Kafka, [1972-], p. 8.

Como no alemão, o adjetivo “lívido” é atribuído ao verbo, não ao sujeito, e contribui semanticamente para a atmosfera sombria e decadente, correspondendo ao “*bleich*” de Kafka, algo que não podia ser percebido nas traduções anteriores (ver Anexo 2). Todas as frases de TT5 apresentadas nos anexos revelam o cuidado, a exatidão e o grande domínio dos dois idiomas do tradutor.

Depois de 37 anos e mais de 45 reimpressões, o impacto d’*A metamorfose* de Carone poderia ser entendido como um ponto final, no sentido de Antoine Berman (1990, p. 5): após inícios bem mais precários – as traduções indiretas –, surgira uma versão que se aproximava tanto do original que era difícil superá-la nesse aspecto. A autoridade adquirida dificultou a retradução para os tradutores posteriores. É notável que, a partir de Carone, há menos variações do que antes e boa parte são reformulações sintáticas, pequenas variações de palavras, às vezes simplificações.

Uma tradutora recente, Raquel Abi-Sâmara, comentou ter começado a traduzir de forma autônoma e, avançando, decidiu comparar seu texto com outras traduções.

Para o meu espanto, as traduções tinham muitas semelhanças entre si, e a principal razão disso foi o fato de que os tradutores seguiram à risca “a letra” de Kafka, recriando as estruturas frasais com a máxima proximidade das do texto fonte (2021, p. 237).

Ou seja, a proximidade das traduções pode ser um efeito da tradução fiel ao original, mas também pode resultar da influência direta do trabalho *consagrado*. Abi-Sâmara cita também o trabalho de Koskinen e Paloposki (2015) que constata a *angústia da influência* (termo de Harold Bloom) no caso da retradução de obras clássicas. No caso d’*A Metamorfose* brasileira, não seria o primeiro tradutor, mas a primeira versão direta do alemão que causa essa ansiedade no sentido de evitar semelhanças evidentes em comparação com o texto de Carone.

2.2 A consolidação

Em 1989, foi publicada *A metamorfose* (TT6) de Erlon José Paschoal, na Estação Liberdade, em capa dura. Paschoal já era um tradutor do alemão estabelecido e entregou uma versão que não esconde uma grande proximidade à de Carone, um efeito que pode ser resultado do fato de ser essa também uma tradução direta do alemão. Em comparação com Carone, Paschoal não segue tão rigidamente as frases de Kafka: sua sintaxe é mais brasileira e elegante. Ao mesmo tempo, ele introduziu uma novidade, usando aspas (a convenção alemã) para os pensamentos de Gregor, e o travessão só nos enunciados em voz alta. Isso não é uma formalidade insignificante. O texto de Kafka tem um fluxo que é ritmizado pelos parágrafos. O discurso narrativo apresenta, desde o início, a perspectiva do protagonista, ainda que seja em terceira pessoa. Os parágrafos não são incisões *objetivas* de um narrador externo, eles estruturam sutilmente sequências de atenção de Gregor a certos assuntos em seu redor. Na medida em que a versão de Carone interrompe esse fluxo, cada pensamento se torna um acontecimento:

– O que aconteceu comigo? – pensou.
Não era um sonho (TT5 p. 7).

Paschoal, ao contrário, continua o parágrafo e, dessa maneira, integra aquilo que é explicitamente um pensamento com a frase seguinte.

“O que aconteceu comigo?”, pensou. Não era um sonho (TT6 p. 5).

Isso é importante para o discurso narrativo de Kafka, porque são essas transições entre discurso direto (pensamento) e frases que constituem discurso indireto livre; porque a frase “Não era um sonho”, não é uma constatação do narrador sobre a realidade, mas um pensamento de Gregor Samsa, apresentado pela voz do narrador. A decisão de Paschoal de adaptar o estilo alemão das aspas e seu respeito aos parágrafos, portanto, é importante para o efeito estético. A maioria das traduções posteriores compartilham essa característica com a de Erlon Paschoal.

Em 1994, 70 anos após a morte de Kafka, expiraram os direitos autorais, um incentivo enorme para as editoras publicarem esse clássico moderno em novas traduções. No mesmo ano, foi lançada a versão de Dora Del Mercato (TT7) pela editora Moraes. Não sabemos nada sobre a tradutora e outras obras de sua lavra. Cruz (2007, p. 209) constata que “essa edição parece ter sido feita às pressas”, uma observação que se sustenta diante dos muitos erros de digitação e formatação. O texto, com certeza, não baseia no original de Kafka. Em vez disso, reduz a complexidade sintática já na primeira frase, que deixa de ter uma estrutura subordinada (Anexo 1, TT7). O mesmo princípio vemos no texto todo: onde o texto de partida coloca ponto e vírgula, Del Mercato termina a frase. Os parágrafos são organizados mais “à vontade” e muitos trechos dão a impressão de que o modelo não foi o texto alemão.

Outra tradução, menos cuidadosa e provavelmente indireta, é a de Regina Regis Junqueira (TT8), de 2000, da editora Itatiaia. O fato de todas as outras traduções dela serem do francês levantou a suspeita de, aqui também, tratar-se de uma versão a partir de um modelo francês. Como Del Mercato, ela dissolve os períodos de Kafka em várias frases (Anexo 3, TT8). Nesse trecho, a escolha de *criada* para “*Dienstmädchen*” não parece muito ajustada, nem à realidade praguense, nem à brasileira. O tempo verbal no alemão é, em todos os predicados, o *Präteritum*, na tradução aparece um mais-que-perfeito no meio (“tinha sido”). Mas, sobretudo, aparece uma perspectiva objetiva “mãe de Gregor”, “pai de Gregor”, “irmã de Gregor” (ou “dele”), onde o original coloca sistematicamente “*die Mutter*”, “*der Vater*”, “*die Schwester*”, insistindo em referências que são do protagonista e não de um observador de fora. A estratégia narrativa de Kafka muda apenas nas últimas páginas, após a morte de Gregor: agora são “*Herr und Frau Samsa*” que constatarem como “*ihre Tochter*” evoluiu durante essa fase conturbada e pensam em buscar um marido para “*die Tochter*”.

A tradução de Marcelo Backes (TT9) pela LP&M, de 2002, foi reeditada várias vezes, também como livro de bolso e em combinação com outros contos do autor. Diferentemente das anteriores, ela dispõe de comentários em notas de rodapé que interferem diretamente na leitura. As notas trazem interpretações biográficas e freudianas, além de destacar as *ironias* do texto. É claro que muitos leitores agradecerão as observações de um especialista como Backes, um dos tradutores mais produtivos da literatura alemã. O público que preferir o texto *puro* pode optar por outras edições. Nesse sentido, a oferta de Backes preenche uma lacuna importante. Quanto

ao texto, Backes respeita os períodos de Kafka. Em comparação com Carone e Paschoal, algumas expressões variam (clarão vs. brilho, deitava pálido vs. se refletia lívido, aqui e acolá vs. aqui e ali; Anexo 2), mas, de forma geral, os três textos estão no mesmo nível em termos de precisão. Comparando com a maioria das traduções, a extensão de *A metamorfose* de Backes é grande: ela excede o número de palavras do original em 16 %.

Em 2001 e 2002, foram lançadas mais três novas edições de valor muito questionável. A Martin Claret publicou uma *Metamorfose* de um suposto Pietro Nasseti (TT11), que logo foi identificada como fraude: tratava-se de uma mistura das traduções de Torrieri Guimarães e Modesto Carone (cf. Vianna, 2007). Por ser um plágio detectado já há anos, o texto de “Nasseti” não foi incluído nas análises.

A edição da Nova Cultura, de um suposto Calvin Carruthers (TT12), é de 2001. Já o nome desse “tradutor”, como descobriu Cruz (2007, p. 210), é uma brincadeira: “personagem de um filme *cult* de terror, *Blood and lace*, dirigido por Philip S. Gilbert e lançado nos Estados Unidos no ano de 1971”. A comparação com as traduções anteriores coloca em evidência que se trata de um plágio da versão de Erlon Paschoal, comprovado pelos trechos nos quatro anexos. Com exceção de poucas palavras, os textos são iguais. A editora era conhecida por plagiar, mas ao que se saiba ou pelo que se sabe, até agora não tinha sido descoberto que, no caso de *A Metamorfose*, a editora se servira do trabalho de Erlon Paschoal.

A terceira publicação duvidosa é menos grave. *A Metamorfose*, de Lourival Holt Albuquerque (TT10), saiu pela Nova Alexandria e o caso é semelhante ao de Dora Del Mercato; Cruz (2007, p. 209) constata que o livro é a única tradução conhecida desse tradutor. A análise, por enquanto, não pode constatar o plágio, mas o texto apresenta muitas imprecisões e omissões de elementos mais sofisticados. Possivelmente, trata-se de uma reescrita baseada em traduções anteriores. Significativamente, o erro de Torrieri Guimarães reaparece na primeira frase: “sono” em vez de “sonhos”. Com 16.233 palavras (84,7 % do texto de Kafka), a tradução é a mais “enxuta” de todas. Curiosamente, o livro é dotado de um breve posfácio de Olgária Matos, que desaparece na reedição pela editora Abril, de 2010.

Claudia Abeling (2007; TT13), tradutora de várias outras obras da literatura alemã, também apresenta um texto relativamente curto (17.426 palavras). A brevidade se deve ao fato de ser um texto mais voltado para a sintaxe brasileira em detrimento das estruturas alemãs. No entanto, sua versão é bastante precisa e quase não perde nenhum detalhe, como mostram as frases de exemplo nos anexos.

A tradução de Celso Cruz (2009; TT14) ainda merece um destaque especial: grande conhecedor das traduções anteriores e do texto de Kafka, ele é o primeiro a abandonar completamente o travessão e seguir sistematicamente a convenção alemã das aspas tanto enos pensamentos de Gregor quanto no discurso direto. Destarte, ele consegue terminar com a distinção formal entre o mundo subjetivo do protagonista e um mundo objetivo do narrador. Ao mesmo tempo, ele consegue manter exatamente a mesma partição em parágrafos do original, que são 94. Carone e os outros que se utilizaram do travessão chegam a 220 e mais parágrafos, que interrompem constantemente o fluxo da narrativa. Entre os tradutores posteriores a Cruz, são Wolfensberger, Penchel, Gambarotto e Abi-Sâmara que aplicaram esse mesmo modelo. Apesar da precisão em



seguir a estrutura de parágrafos de Kafka, Cruz se permite muito mais liberdades na escolha de palavras e na sintaxe do que Carone.

De 2017 é o livro de Christina Wolfensberger (TT15), publicado pela ViaLeitura. A tradução se baseia no texto alemão de 1918, apesar da declaração “Traduzido a partir da primeira edição” no verso da folha de rosto. Para além disso, ela desmonta períodos em frases isoladas e toma algumas liberdades interpretativas, mas, de forma geral, o texto é um trabalho sério.

A tradução de Raquel Abi-Sâmara (2019; TT19) já foi mencionada anteriormente no contexto da discussão sobre a angústia da influência. Sua intenção de criar uma tradução diferente das anteriores fica evidente nos exemplos das escolhas lexicais deliberadamente idiossincráticas: “lâmpioes” em vez de “lâmpadas”, “despesa” em vez de “orçamento”, “diarista” em vez de “faxineira”. A frase, no Anexo 4, inverte a ordem de Kafka e, portanto, também a sequência temporal dos acontecimentos, criando uma cena completamente diferente. O emprego frequente do ponto e vírgula por Kafka é dividido por ela em frases individuais. Quanto ao uso de aspas, Abi-Sâmara apresenta mais uma diferenciação: ela coloca os pensamentos em itálicos e o discurso direto entre aspas; assim ela resolve o problema dos parágrafos, mas volta à distinção formal entre acontecimentos internos e externos que foi evitada na versão de Cruz.

Parece que Luiz Antônio Oliveira Araújo e Ciro Mioranza realizaram traduções de vários idiomas, além do alemão. Do primeiro, existe uma *Metamorfose* (TT16), de 2018, na editora Principis, parte do Grupo Ciranda Cultural, que se dedica sobretudo a um público mais jovem. O livro foi reeditado no mesmo ano com outro projeto gráfico. O texto apresenta a mesma imprecisão, como em Abi-Sâmara, Penchel e Gambarotto: o casal Samsa recebe a notícia da morte do filho pela faxineira “sentando-se no leito conjugal” em vez de “sentado”. Não fica claro como a faxineira pode ser, ao mesmo tempo, “corpulenta e ossuda”. Ciro Mioranza lançou seu livro (TT18) no mesmo ano pela editora Lafonte. Os trechos comparados são, de forma geral, muito cuidadosos e não apresentam erros.

Várias das edições mencionadas apresentam o texto com elementos visuais que percorrem todo o livro: Silveira (TT1), Albuquerque (TT10), Abeling (TT13), Abi-Sâmara (TT19). Mas em nenhum desses livros o projeto gráfico é tão ambicioso quanto o da edição da Editora Antofágica (TT20): um livro com capa dura, ilustrações de Lourenço Mutarelli e mais quatro paratextos, além da tradução de Petê Rissatti. O texto aqui parece até mesmo se subordinar à representação visual de um objeto inicialmente amorfo que primeiro se transforma em homem nu, depois se dissolve, encolhendo em uma espécie de cérebro, passa pela metamorfose em inseto e termina como cadáver esférico. A tradução de Rissatti é muito precisa e, assim como a de Carone, segue a sintaxe de Kafka de forma extremamente fiel.

O texto d’*A metamorfose* de Luis S. Krausz (2021; TT21) faz parte de uma coletânea de nove contos famosos de Kafka. Como professor e especialista em literatura judaico-alemã do século XX, Krausz incluiu, em seu livro, vários textos informativos sobre Kafka e sua obra, que – assim como as ilustrações – são mais voltados para o público jovem. A editora FTD Educação publica a obra na coleção “Almanaque dos clássicos da literatura universal”. Obviamente destinado ao uso escolar, o livro é acompanhado de um folheto com exercícios de texto. Assim como Rissatti, Krausz adere às convenções brasileiras de formatação e inicia cada fala em discurso direto

com um travessão e novo parágrafo. Somente os pensamentos do protagonista aparecem entre aspas. Sem sacrificar a precisão, o tradutor se preocupa menos com obter uma réplica exata da sintaxe de Kafka do que com o português brasileiro contemporâneo fluente. Sua versão, como as anteriores de Carone, Paschoal, Backes e Rissatti, dá grande atenção aos detalhes gestuais, como pode ser visto no Anexo 3, especialmente na aparência da mulher que atormenta o protagonista em suas últimas semanas com seus insultos e ameaças físicas: “uma imensa e ossuda faxineira, com cabelos brancos, que esvoaçavam em torno da cabeça”.

Marcus Penchel (2018; TT16) e Bruno Gambarotto (2021; TT22) provavelmente traduzem do inglês; pelo menos é isso que sugere o restante de suas obras tradutórias que não contam com outros títulos alemães. Como mostra o Anexo 4, as duas traduções apresentam o problema já mencionado de entender a situação do casal Samsa após a intrusão da faxineira com a mensagem da morte de Gregor: “*Das Ehepaar Samsa saß im Ehebett aufrecht da*” (Kafka, 2002a, p. 195). Em vez do estado (“*sitzen*”), ambos tradutores descrevem uma ação (“*sich setzen*”) e a imagem gestual das duas pessoas sentadas *aufrecht* na cama se perde. Gambarotto ainda mostra um gosto especial por palavras raras como “tálamo” (“*Ehebett*”) e “leitoril” (“*Pult*”). Penchel, como já mencionado, também apresenta o bonde, no 2º capítulo (Anexo 2).

3. Conclusão preliminar

No ranking das vendas da Amazon (fevereiro 2023), a versão de Abi-Sâmara (TT19) está no primeiro lugar das *Metamorfoses*, seguida por Modesto Carone (TT5), Claudia Abeling (TT13), Petê Rissatti (TT20), Luis Krausz (TT 21) e Marcelo Backes (TT9). Nesta lista, pode haver distorções, devido às diferentes reedições de uma tradução. Mas é notável que três das publicações mais recentes chegaram a lugares entre os seis primeiros mais vendidos e que a obra *consagrada*, com tantas reedições, não seja a mais vendida.

Para as primeiras edições d’A *metamorphose*, nos anos 1950 até 1985, apresentar o “texto completo” ou uma tradução baseada na “edição original” já era um elemento digno de destaque e devia assinalar, para o leitor confiante, que se tratava de um substituto adequado para o original. Com Modesto Carone, publicar o texto completo, traduzido do alemão, ficou estabelecido como certo *padrão*, mesmo que, entre as 17 traduções que se seguiram, ainda encontramos duas ou três indiretas (não explicitamente declaradas). Desde os anos 1980, muitas tradutoras e muitos tradutores buscaram diferenciar-se menos por grandes inovações do próprio texto traduzido, mas por aproximações maiores à estrutura e à forma do texto alemão, com resultados muito consideráveis. Atualmente, não é tanto a tradução em si, mas os paratextos acadêmico e artístico por meio dos quais as editoras competem pelo público.

CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.



REFERÊNCIAS

Corpus

- KAFKA, Franz. **Metamorfose**. Apr. ênio Silveira. Ilustrações: Lewy, Walter. Tradução por Bren[n]o Silveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956. (TT1)
- KAFKA, Franz. **A metamorfose**. In: Kafka, Franz. Na colônia penal. Tradução por Torrieri Guimarães. Rio de Janeiro: Ediouro, 1965. p. 161-213. (TT2)
- KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Intr. M. Rebelo. Tradução por Marques Rebêlo. Rio de Janeiro: Ediouro; Tecnoprint, 1971. (TT3)
- KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Tradução por Syomara Cajado. São Paulo: Nova Época, [1972-]. (TT4)
- KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Pref. M. Carone. Tradução por Modesto Carone. São Paulo: Brasiliense, 1985. (TT5)
- KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Pref. Konder, Leandro. Tradução por Erlon José Paschoal. São Paulo: Estação Liberdade, 1989. (TT6)
- KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Tradução por Dora Del Mercato. São Paulo: Editora Moraes, 1994. (TT7)
- KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Tradução por Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. (TT8)
- KAFKA, Franz. **A metamorfose seguido de O veredicto**. Tradução por Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2001c. (TT9)
- KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Pref. Matos, Olgária. Tradução por Lourival Holt Albuquerque. São Paulo: Nova Alexandria, 2001b. (TT10)
- KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Tradução por Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2001a. (TT11)
- KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Tradução por Calvin Carruthers. São Paulo: Nova Cultural, 2002. (TT12)
- KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Ilustrações Kris Barz. Tradução por Claudia Abeling. São Paulo: Melhoramentos, 2007. (TT13)
- KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Pref. Cruz, Celso Donizete. Tradução por Celso Donizete Cruz. São Paulo: Hedra, 2009. (TT14)
- KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Tradução por Christina Wolfensberger. São Paulo: Via Leitura, 2017. (TT15)
- KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Projeto gráfico: Luiza Aché. Tradução por Luiz Antônio Oliveira Araújo. Barueri: Principis, 2018. (TT16)
- KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Tradução por Marcus Penchel. São Paulo: Vozes de bolso, 2018. (TT17)
- KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Tradução por Ciro Mioranza. São Paulo: Lafonte, 2018. (TT18)
- KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Ilustrações Douglas P. Lobo. Tradução por Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Planeta, 2019. (TT19)
- KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Ilustrações: Lourenço Mutarelli. Textos de Cora Rónai, Lourenço Mutarelli, Petê Rissatti, Flávio Ricardo Vassoler. Tradução por Petê Rissatti. Rio de Janeiro: Antofágica, 2019a. (TT20)

KAFKA, Franz. **A metamorfose e outras narrativas**. Textos introdutórios L. S. Krausz Tradução por Luis S. Krausz. São Paulo: FTD, 2020. (TT21)

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Tradução por Bruno Gambarotto. São Paulo: Grua, 2021. (TT22)

Bibliografia consultada

ADORNO, Theodor W. Aufzeichnungen zu Kafka. In: **Gesammelte Schriften**. vol. 10.1. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1980a. p. 254-287.

ADORNO, Theodor W.: Ästhetische Theorie. In: **Gesammelte Schriften**. vol. 7. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1980b.

ARIAIL, Gregory. **Kafka's Copycats**: Imitation, Fabulism, and Late Modernism. Dissertation. University of Michigan, English Language and Literature. 2018.

BERMAN, Antoine. La retraduction comme espace de la traduction. **Palimpsestes**, vol. 4, (1990), p. 1-8.

BOTTMANN, Denise. Kafka no Brasil: 1946-1979. **TRADTERM**, vol. 24, dezembro, (2014), p. 213-238.

CADERA, Susanne M.: Franz Kafka's *Die Verwandlung* and its thirty-one Spanish translations. In: Cadera, Susanne M.; Walsh, Andrew Samuel (Org.). **Literary retranslation in context**. Berlin, Bern, Bruxelles, New York, Oxford, Warszawa, Wien: Peter Lang, 2017, p. 169-194.

CADERA, Susanne M. Canonical Translation and Retranslation: The Example of Franz Kafka's Metamorphosis in Spain. In: Cadera, Susanne M.; Walsh, Andrew Samuel (Org.). **Retranslation and Reception Studies in a European Context**. Leiden: Brill, 2022, p. 66-85.

CASTRO, Cristina Pestaña. ¿Quién tradujo por primera vez *La metamorfosis* de Franz Kafka al castellano? **Espéculo. Revista de Estudios Literarios**, vol. 11, (1999).

CRUZ, Celso Donizete. **Metamorfoses de Kafka**: imagens do autor e da obra no paratexto de edições brasileiras de *A Metamorfose*. Dissertação de Mestrado. Programa de Língua e Literatura Alemã/USP, São Paulo, 2005.

CRUZ, Celso Donizete. **Metamorfoses de Kafka**: imagens do autor e da obra no paratexto de edições brasileiras de *A Metamorfose*. São Paulo: Anna Blume, 2007.

CRUZ, Celso Donizete. Kafka no Brasil: as edições de *A metamorfose*. In: Nitrini, Sandra Margarida (org.). **Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC** (2008): Tessituras, Interações, Convergências, 2008, p. 1-9.

DURRANI, Osman. Editions, translations, adaptations. In: Preece, Julian (org.). **The Cambridge Companion to Kafka**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 206-225.

ENGEL, Manfred. Kafka lesen – Verstehensprobleme und Forschungsparadigmen. In: Engel, Manfred; Auerbachs, Bernd (orgs.). **Kafka-Handbuch**. Stuttgart: Metzler 2011. p. 411-427.

FLÓ, Juan. Jorge Luis Borges traductor de *Die Verwandlung* (Fechas, textos, conjeturas). In: **Anales de Literatura Hispanoamericana**, 42, (2013), p. 215-240.



GOETHE, Johann Wolfgang. *Divã Ocident-Oriental*. Tradução por Daniel Martineschen. São Paulo: Estação Liberdade, 2020.

HEIDERMAN, Werner. Retten, was der Rettung hoffentlich gar nicht bedarf! Der Index Translationum der UNESCO. In: Wotjak, Gerd (Org.). **Quo vadis Translatologie?** Ein halbes Jahrhundert universitäre Ausbildung von Dolmetschern und Übersetzern in Leipzig. Rückschau, Zwischenbilanz und Perspektive aus der Außensicht. Berlin: Frank & Timme, 2007, p. 133-142.

HERMANS, Theo; Koller, Werner. The relation between translations and their sources, and the ontological status of translations. In: Kittel, Harald; et al. (org.). **Übersetzung - Translation - Traduction**. 1. Teilband. Berlin: de Gruyter, 2004. p. 23-30.

INDEX TRANSLATIONUM. Disponível em: <<https://www.unesco.org/xtrans/bsform.aspx>>. Acesso 20 de fevereiro de 2023.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Tradução por Celso Donizete Cruz. 2ª ed. bilíngue. São Paulo: Hedra, 2020.

KAFKA, Franz. **La metamorfosis**. Traducción y Prólogo de Jorge Luis Borges. Octava edición. Buenos Aires: Losada, 1970.

KAFKA, Franz. **La métamorphose**. Trad. de Alexandre Vialatte. Paris: Gallimard, 1955.

KAFKA, Franz. The Metamorphosis. In: **The complete Stories**: Edited by Nahum N. Glatzer. With a foreword by John Updike. Translated by Edwin e Willa Muir. New York: Schocken Books, 1971, p. 88-139.

KAFKA, Franz. „Die Verwandlung“. In: **Drucke zu Lebzeiten**. Wolf Kittler, Hans-Gerd Koch, Gerhard Neumann (ed.). Frankfurt a. M.: Fischer 2002a, p. 113-200.

KAFKA, Franz. **Drucke zu Lebzeiten**. Apparatband. Wolf Kittler, Hans-Gerd Koch, Gerhard Neumann (ed.). Frankfurt a. M.: Fischer 2002b.

KOLLER, Werner. **Einführung in die Übersetzungswissenschaft**. 7ª edição atualizada. Wiebelsheim: Quelle & Meyer, 2004.

O'NEILL, Patrick. **Transforming Kafka**. Translation Effects. Toronto, Buffalo, London: University of Toronto Press, 2014.

OSCHMANN, Dirk. Kafka als Erzähler. In: Engel, Manfred; Auerochs, Bernd (Org.). **Kafka-Handbuch**. Stuttgart: Metzler, 2011. p. 438-449.

POPPE, Sandra. Die Verwandlung. In: Engel, Manfred; Auerochs, Bernd (orgs.) **Kafka-Handbuch**. Stuttgart: Metzler, 2011. p. 164-174.

ROMÃO, Tito Lívio Cruz. As transformações de Gregor Samsa entre o texto original e os textos traduzidos. In: **Graphos** 18 (2016), n. 2, p. 113-134.

SOUSA, Celeste Ribeiro de; Brito, Eduardo Manoel de; Santos, Maria Célia Ribeiro. A recepção da obra de Franz Kafka no Brasil. In: **Pandaemonium Germanicum** 9 (2005), n. 9, p. 227-253.

SOFRI, Adriano. **Kafkas elektrische Straßenbahn**. Wie „Die Verwandlung“ verwandelt wurde: ein philologischer Krimi. Übersetzung von Annette Kopetzki. Berlin: Verlag Klaus Wagenbach, 2019.



STACH, Reiner. **Kafka: os anos decisivos**. Trad. de Sofia Mariutti. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

VIANNA, Luiz Fernando: Editora plagiou traduções de clássicos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 04 novembro 2007. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0411200716.htm>>. Acesso em: 01 setembro 2023.



Anexo 1¹⁵

TP1	Als Gregor Samsa eines Morgens aus unruhigen Träumen erwachte, fand er sich in seinem Bett zu einem ungeheueren Ungeziefer verwandelt.
TT1	QUANDO GREGOR SAMSA despertou, certa manhã, de um sonho agitado, viu que se transformara, em sua cama, numa espécie monstruosa de inseto.
TT2	Quando, certa manhã, Gregório Samsa despertou, depois de um <i>sono</i> intranquilo, achou-se em sua cama convertido em um monstruoso inseto.
TT3	Certa manhã, quando Gregor Samsa abriu os olhos, após um <i>sono</i> inquieto, viu-se transformado num monstruoso inseto.
TT4	Ao despertar pela manhã após ter tido sonhos agitados, Gregor Samsa encontrou-se em sua própria cama transformado num inseto gigantesco.
TT5	Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso.
TT6	Certa manhã, ao despertar de sonhos intranquilos, Gregor Samsa viu-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso.
TT7	Gregor Samsa acordou naquela manhã de sonhos agitados e viu-se na sua cama transfigurado num enorme inseto.
TT8	Ao despertar de um sonho inquieto, certa manhã, Gregor descobriu que havia se transformado num gigantesco inseto.
TT9	Certa manhã, ao despertar de sonhos intranquilos, Gregor Samsa encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso.
TT10	Certa manhã, após um sono conturbado, Gregor Samsa acordou e viu-se em sua cama transformado num inseto monstruoso.
TT12	Certa manhã, depois de despertar de sonhos conturbados, Gregor Samsa encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso.
TT13	Certa manhã, ao acordar de sonhos intranquilos, Gregor Samsa encontrou-se, na sua cama, metamorfoseado num inseto monstruoso.
TT14	Certa manhã, ao despertar de um sonho inquieto, Gregor Samsa descobriu-se em sua cama transformado num insuportável inseto.
TT15	Certa manhã, quando Gregor Samsa despertou de sonhos inquietos, viu-se metamorfoseado em um inseto monstruoso.
TT16	Certa manhã, ao despertar de sonhos agitados, Gregor Samsa deu consigo na cama transformado num inseto monstruoso.
TT17	Ao despertar de sonhos agitados certa manhã, em sua cama, Gregor Samsa viu-se transformado em um inseto monstruoso.
TT18	Certa manhã, Gregor Samsa, ao acordar-se depois sonhos agitados, viu-se em sua cama, transformado num monstruoso inseto.
TT19	Certa manhã, ao despertar de sonhos inquietantes, Gregor Samsa encontrou-se em sua cama metamorfoseado num monstruoso inseto repugnante.
TT20	Quando Gregor Samsa, certa manhã, despertou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado em um inseto monstruoso.
TT21	Certa manhã, ao despertar de sonhos intranquilos, Gregor Samsa viu-se, em sua cama, transformado num enorme inseto nocivo.
TT22	Ao despertar certa manhã de sonhos intranquilos, Gregor Samsa encontrou-se em sua cama metamorfoseado em um assombroso inseto.

¹⁵ Observação: TT11 (“Pietro Nassetti”) não foi incluído na comparação, uma vez que o caso de plágio consta há muitos anos.

Anexo 2

ST1	Der Schein der elektrischen Straßenlampen lag bleich hie und da auf der Zimmerdecke und auf den höhern Teilen der Möbel, aber unten bei Gregor war es finster.
ST1	Der Schein der elektrischen Straßenbahnen lag bleich hie und da auf der Zimmerdecke und auf den höhern Teilen der Möbel, aber unten bei Gregor war es finster.
TT1	O reflexo das luzes dos bondes projetava-se vagamente, aqui e ali, no teto e na parte superior dos móveis, mas embaixo, onde Gregor se achava, estava escuro.
TT2	O reflexo do bonde elétrico punha franjas de luz no teto do quarto e na parte superior dos móveis, mas, embaixo, onde estava Gregório, reinava a escuridão.
TT3	Os bondes que passavam projetavam intermitentemente, suas luzes no teto do quarto e na parte superior dos móveis, mas embaixo, onde se encontrava Gregor estava sempre escuro.
TT4	As luzes da rua refletiam-se em vários pontos do teto e nas partes superiores dos móveis, mas embaixo onde ele estava deitado, só havia escuridão.
TT5	O brilho das lâmpadas elétricas da rua se refletia lívido, aqui e ali, sobre o teto e as partes mais altas dos móveis, mas embaixo, junto a Gregor, estava escuro.
TT6	O brilho pálido das lâmpadas elétricas da rua refletia-se aqui e ali no teto do quarto e no alto dos móveis, mas embaixo, junto a Gregor, estava escuro.
TT7	As lâmpadas elétricas da rua se refletiam vagamente, em alguns pontos do teto e das partes mais altas dos móveis, mas embaixo, onde estava Gregor, estava escuro.
TT8	A iluminação vinda da rua lançava uma pálida claridade num ponto ou outro do teto e na parte superior dos móveis, mas ali ao nível do chão, onde ele se achava, continuava escuro.
TT9	O clarão das lâmpadas elétricas da rua deixava pálido aqui e acolá, sobre o teto do quarto e as partes mais altas dos móveis; mas embaixo, junto a Gregor, estava escuro.
TT10	O reflexo da iluminação elétrica da rua fazia-se presente no quarto, tanto no teto quanto na parte de cima dos móveis; mas embaixo, onde Gregor se encontrava, tudo estava escuro.
TT12	O brilho pálido das lâmpadas elétricas da rua refletia-se aqui e ali no teto do quarto e no alto dos móveis, mas embaixo, junto a Gregor, estava escuro.
TT13	O brilho das lâmpadas elétricas da rua projetava-se pálido ali e lá no teto e nas partes mais altas dos móveis, mas embaixo, junto a Gregor, estava escuro.
TT14	A fraca luz das lâmpadas elétricas da rua iluminava palidamente alguns pedaços do teto do quarto e a parte de cima dos móveis, mas Gregor embaixo estava às escuras.
TT15	O facho da luz, vindo do bonde, iluminava o teto do quarto aqui e acolá assim como a parte superior dos móveis, mas mais abaixo, onde Gregor se encontrava, estava escuro.
TT16	Aqui e ali, a luz dos postes elétricos da rua projetava pálidas manchas no teto e no alto dos móveis, mais embaixo, onde ele se achava, reinava a escuridão.
TT17	Os bondes elétricos lançavam vez por outra uma pálida luminosidade no teto e na parte de cima dos móveis, mas sobre Gregor, embaixo, ficava escuro.
TT18	O clarão das lâmpadas elétricas da rua se refletia palidamente no teto e no alto dos móveis, mas embaixo, em torno de Gregor, estava escuro.
TT19	O clarão dos lampiões elétricos da rua deixava descorado, aqui e ali, sobre o teto do quarto e o topo dos móveis, mas embaixo, para Gregor, estava escuro.
TT20	O brilho das lâmpadas elétricas jazia pálido aqui e ali, no teto do quarto e no alto dos móveis, mas embaixo, onde Gregor permanecia, estava escuro.
TT21	O brilho das lâmpadas elétricas da rua repousava, aqui e ali, no teto do quarto e nas partes superiores dos móveis, mas embaixo, junto a Gregor, tudo permanecia escuro.
TT22	O brilho da luz elétrica da rua assinalava o teto do quarto e as partes altas da mobília com pontos de claridade aqui e ali, mas embaixo, onde Gregor estava, tudo era sombra.



Anexo 3

ST1	Der Haushalt wurde immer mehr eingeschränkt; das Dienstmädchen wurde nun doch entlassen; eine riesige knochige Bedienerin mit weißem, den Kopf umflatterndem Haar kam des Morgens und des Abends, um die schwerste Arbeit zu leisten; alles andere besorgte die Mutter neben ihrer vielen Näharbeit.
TT1	As verbas da casa eram cada vez mais reduzidas. A empregada fora, por fim, despedida. Em seu lugar, uma mulher gigantesca, de rosto ossudo e cabelos brancos, a cabeça constantemente erguida, vinha, de manhã e à tarde, fazer o serviço mais pesado. O resto era feito pela mãe, além de sua interminável tarefa de cerzir e remendar.
TT2	O mobiliário da casa reduziu-se cada vez mais. A criada foi despedida, sendo ela substituída nos trabalhos mais pesados por uma diarista, uma espécie de gigante ossudo, com um nimbo de cabelos brancos ao redor da cabeça, que vinha um instante pela manhã, e outro pela tarde, sendo a mãe que teve de somar, ao seu já nada pequeno trabalho de costura, todos os demais afazeres.
TT3	O orçamento doméstico era cada dia mais podado. A criada fora despedida e os serviços mais pesados passaram para as mãos de uma mulhereça, de rosto ossudo e cabeça ornada duma auréola de cabelos prateados, que vinha uma hora pela manhã e outra pela tarde. Recaiu nos ombros da mãe o resto todo da faina caseira, como se não fossem poucos os seus trabalhos de costura.
TT4	As ocupações domésticas tinha sido reduzidas ao máximo; a empregadinha fora despedida e uma faxineira magra e alta com os cabelos brancos esvoaçando à volta da cabeça, vinha todas as manhãs e à tarde fazer o serviço mais pesado, o resto era feito por sua mãe além de suas enormes pilhas de costura.
TT5	A economia doméstica tornou-se cada vez mais restrita; a empregada foi afinal despedida; uma faxineira imensa, ossuda, de cabelo branco esvoaçando em volta da cabeça, vinha de manhã e à noite para fazer o trabalho mais pesado; a mãe cuidava do resto, além de toda a costura.
TT6	O orçamento doméstico fora reduzido mais ainda; a empregada despedida; uma faxineira ossuda e enorme, de cabelos brancos esvoaçantes, vinha de manhã e à noite para fazer o serviço mais pesado; a mãe cuidava de todo o resto, além de toda a costura.
TT7	A economia doméstica, tornou-se mais intensa e a empregada foi finalmente dispensada. No seu lugar, uma faxineira grande, de cabelos brancos e desgrenhados, vinha duas vezes por dia – de manhã e a noite – para fazer o trabalho mais pesado. Ficava para a mãe o restante das obrigações, além da costura.
TT8	As atividades domésticas estavam cada vez mais reduzidas. A criada tinha sido despedida, e uma corpulenta e ossuda faxineira, com uma esvoaçante cabeleira branca, vinha pela manhã e à tardinha fazer o serviço pesado. O restante era todo feito pela mãe de Gregor, juntamente com as imensas pilhas de costura.
TT9	O orçamento doméstico era reduzido cada vez mais; a empregada acabou sendo despedida no final das contas; uma faxineira gigantesca e ossuda, de cabelos brancos a esvoaçarem em volta da cabeça, vinha pela manhã e à tardinha a fim de fazer o serviço mais pesado; a mãe tomava conta do resto, junto com seus muitos trabalhos de costura.
TT10	As despesas da casa tiveram de ser reduzidas drasticamente. A empregada foi despedida e substituída por uma faxineira, mulher ossuda e enorme, com volumosos cabelos grisalhos, que vinha no início da manhã e no fim da tarde para encarregar-se apenas dos trabalhos mais pesados, enquanto a mãe cuidava de todo o resto, inclusive das encomendas de costura.
TT12	O orçamento doméstico fora reduzido ainda mais; a empregada foi despedida; uma faxineira ossuda e enorme, de cabelos brancos esvoaçantes, vinha de manhã e à noite para fazer o serviço mais pesado; a mãe cuidava de todo o resto, além do serviço de costura.
TT13	O orçamento da casa ficava cada vez menor; a empregada tinha sido demitida; uma faxineira imensa e ossuda, de cabelos brancos, vinha de manhã e de noite para os serviços mais pesados; todo o resto ficava a cargo da mãe, além de seus muitos trabalhos de costura.

(continua)

(continuação)

TT14	O orçamento doméstico era cada vez mais apertado; a empregada já fora inclusive dispensada; uma faxineira enorme e robusta, com uma cabeleira branca esvoaçando pela cabeça, vinha agora pela manhã e no final da tarde para dar conta do serviço pesado; o restante sobrava para a mãe, junto com suas muitas obrigações de costura.
TT15	Reduziram-se os gastos da casa; a empregada foi por fim dispensada. Uma faxineira enorme e ossuda, com cabelos brancos esvoejando ao redor da cabeça, vinha de manhã e ao final do dia para fazer o serviço mais pesado. De todo o resto a mãe se incumbia, além de seus múltiplos trabalhos de costura.
TT16	O orçamento doméstico tornava-se cada vez mais limitado; a empregada acabou sendo dispensada; uma faxineira corpulenta e ossuda, o cabelo branco a flutuar em volta da cabeça, ia de manhã e no fim da tarde para fazer o trabalho mais pesado; a mãe se encarregava de tudo o mais, além do muito que tinha a costurar.
TT17	O orçamento doméstico era cada vez mais apertado; a empregada acabou sendo demitida; uma criada enorme e ossuda de cabeleira branca esvoaçante vinha de manhã e de noite para fazer o trabalho mais pesado; de todo o resto cuidava a mãe, fora o seu árduo trabalho de costura.
TT18	O orçamento doméstico se tornou sempre mais limitado; a empregada foi finalmente dispensada; uma faxineira imensa, toda ossos, de cabelos brancos que flutuavam em volta da cabeça, vinha pela manhã e à tardinha para executar os serviços mais pesados; o resto era feito pela mãe, além de todo o trabalho de costura.
TT19	A despesa em casa foi ficando cada vez mais contida. A empregada foi por fim despedida. Uma diarista enorme, ossuda, de cabelos brancos e esvoaçados vinha pela manhã e à noite para fazer o trabalho mais pesado. Todo o resto era por conta da mãe, além de seu volume grande de costura.
TT20	O orçamento doméstico ficava cada vez mais curto; a empregada acabou sendo dispensada, uma faxineira imensa e ossuda com cabelos brancos esvoaçantes ao redor da cabeça vinha de manhã e à noite para fazer o trabalho mais pesado; de todo o resto, além dos muitos trabalhos de costura, cuidava a mãe.
TT21	O orçamento doméstico tornava-se cada vez mais restrito, a empregada acabou sendo demitida, uma imensa e ossuda faxineira, com cabelos brancos, que esvoaçavam em torno da cabeça, vinha pela manhã e à tardinha para fazer os trabalhos mais pesados, e todo o resto ficava por conta da mãe, além de toda a costura.
TT22	O orçamento estava sempre mais reduzido; a empregada havia sido por fim dispensada; uma diarista macérrima e enorme, de cabelos brancos e desgrehados em torno da cabeça, vinha às manhãs e às noites para realizar o trabalho mais duro; todo o resto ficava ao encargo da mãe ao lado de seus muitos trabalhos de costura.



Anexo 4

ST1	Das Ehepaar Samsa saß im Ehebett aufrecht da und hatte zu tun, den Schrecken über die Bedienerin zu verwinden, ehe es dazu kam, ihre Meldung aufzufassen.
TT1	Herr e Frau Samsa sentaram-se na cama e procuraram acalmar-se mutuamente. A velha assustara-os tanto que não compreenderam, imediatamente, o sentido de sua mensagem.
TT2	O senhor e a senhora Samsa ergueram-se no leito matrimonial. Custou-lhes grande trabalho livrarem-se do susto, e demoraram bastante a compreender o que desse modo lhes anunciava a criada.
TT3	O Senhor e a Senhora Samsa sentaram-se no largo leito matrimonial, estremunhados e procurando se acalmar mutuamente, pois a mulherança os assustara. E não compreenderam logo o sentido do que ela gritara.
TT4	O senhor e a senhora Samsa ergueram-se imediatamente da cama, e antes que pudessem atingir o sentido da declaração da faxineira, tiveram dificuldade em dominar o impacto da mesma.
TT5	O casal Samsa ficou sentado no leito conjugal fazendo um esforço para superar o susto com a faxineira antes que chegassem a entender o que ela comunicava.
TT6	O casal Samsa sentou-se na cama tentando restabelecer-se do susto com a faxineira antes de entender a notícia.
TT7	O Sr. e a Sra. Samsa sentaram-se na cama, tentando compreender o que a faxineira lhes dizia.
TT8	O casal deu um pulo na cama, só conseguindo plenamente compreender o significado das palavras da faxineira após ter sido absorvido com alguma dificuldade o choque causado pela informação.
TT9	O casal Samsa estava sentado sobre a cama, no quarto, ocupado em superar o susto com a chegada da faxineira, antes de chegar a entender o que ela anunciava.
TT10	O casal Samsa, já sentado na cama, primeiro procurou refazer-se do susto, sem compreender direito o que a faxineira dizia.
TT12	O casal Samsa sentou-se na cama tentando restabelecer-se do susto com a própria faxineira antes de entender a notícia.
TT13	O casal Samsa estava sentado na cama, ocupado em recompor-se do susto causado pela faxineira antes de entender o significado da sua exclamação.
TT14	Marido e mulher estavam sentados na cama de casal e tiveram primeiro que se recuperar do susto com a faxineira, antes de virem a compreender o que ela anunciava.
TT15	O casal Samsa ficou sentado na cama, tenso, tentando com grande dificuldade superar o susto causado pela faxineira, antes mesmo de assimilar a notícia.
TT16	Sentando-se no leito conjugal, o casal Samsa esforçou-se para se recuperar do susto infligido pela faxineira antes mesmo de compreender seu aviso.
TT17	O casal Samsa sentou-se ereto no leito conjugal, tentando entender o pavor da empregada antes de captar o sentido da mensagem.
TT18	O casal Samsa ficou sentado na cama, tentando se refazer do susto que a faxineira lhe causara, antes que chegasse a entender o comunicado que transmitia.
TT19	Recuperando-se do susto com a diarista, mesmo antes de compreenderem o que ela comunicava, o casal Samsa sentou-se na cama conjugal.
TT20	O casal Samsa estava sentado no leito conjugal, ereto, e os dois tiveram que superar o sobressalto com a faxineira antes de compreender o que ela lhes comunicava.
TT21	O casal Samsa estava sentado na cama de casal e custou-lhes esforço superar o susto provocado pela faxineira, antes de realmente entenderem o conteúdo de sua mensagem.
TT22	O senhor e a senhora Samsa sentaram-se no tálamo e ambos tiveram de superar o susto com a diarista antes de virem a compreender o que ela dizia.